INTERCULTURALIDADE E TRANSCULTURALIDADE NA LITERATURA E NA ARTE DE JOSEFINA PLÁ[1]

INTERCULTURALITY AND TRANSCULTURALITY IN JOSEFINA PLÁ'S ART AND LITERATURE

Miguel Ángel Fernández[2]

RESUMO: O artigo procura recuperar vívido painel que retrata desde a expressividade da produção literária de Josefina Plá, a escritora hispano-paraguaia, até a sua preciosa realização em artes plásticas, ícones da literatura e da cultura paraguaias. O Autor é notável crítico latino-americano e destacado estudioso e curador do acervo de Josefina Plá, daí a interessada apreciação crítica que elabora acerca da interculturalidade e da transculturalidade na obra de Josefina Plá. Além destes aspectos, Augusto Roa Bastos, Rafael Barret e Gabriel Casaccia, dentre outros nomes da literatura paraguaia, são discutidos em função das relações inter-literárias.

Palavras-chave: Josefina Plá; literatura paraguaia; cultura paraguaia; artes plásticas.

ABSTRACT: This article seeks to recover the lively painel that retraces since the expressivity of Josefina Plá literary production, the Hispanic-paraguayan writer, to the precious realization in Plastic Arts, icons of the Paraguayan literature and culture. The Author is a notable Latin-american critic, distinguished scholar and curator of Josefina Plá's collection, so the critical appreciaton that elaborates concerning to the interculturality and transculturarility in Josefina Plá's work. Beyond these aspects, Augusto Roa Bastos, Rafael Barret and Gabriel Casaccia, among other names into the Paraguayan literature, are discussed according to the inter-literary relations.

Keywords: Josefina Plá; Paraguayan literature; Paraguayan culture; Plastic Arts

Augusto Roa Bastos, o mais conhecido dos escritores paraguaios, dizia de Josefina Plá, Rafael Barrett e Hérib Campos Cervera que eles tinham sido os seus mestres. A admiração do autor de *Yo el supremo* por Josefina era tanta, que ele a postulou em duas ocasiões para o Prêmio Cervantes, sem ter êxito, pois naquele momento, e até agora, a obra desta grande escritora não estava no mercado editorial internacional. Nos últimos anos, no entanto, a obra poética e narrativa de Josefina Plá vem despertando interesse, e já são várias as dissertações de mestrado e teses de doutorado que se dedicaram a sua obra em diversos âmbitos acadêmicos.

A literatura e a arte de Josefina Plá representam espaços expressivos complexos, nos quais convergem diversos traços culturais, dando lugar a obras notáveis em sua constituição semântica e em suas formas expressivas.

Nascida na Espanha em 1903, Josefina chegou ao Paraguai em fevereiro de 1926. Desde então, até a sua morte, esteve presente na vida cultural do país, tanto no campo da cria-

[1]Traduzido do original em castelhano por Daiane Pereira Rodrigues.

[2]Universidad Nacional de Asunción.

ção literária como no das artes plásticas. Fez também crítica literária e de arte, assim como pesquisas e estudos que são um marco importante no campo da história cultural e social paraguaias. Sua poesia, sua narrativa e seu teatro, ainda insuficientemente valorizados, constituem uma das contribuições mais valiosas do Paraguai à literatura de língua castelhana do século XX. Foi, além do mais, uma grande animadora, e são muitos os que reconhecem o seu fôlego e estímulo no trabalho intelectual rigoroso e na criação estética radical.

Em Villajoyosa, onde Josefina residia com seus pais, tinha conhecido Andrés Campos Cervera, um dos mais importantes pintores e gravuristas paraguaios. Depois de alguns meses de noivado, casaram-se por poderes, pois Andrés tinha regressado ao Paraguai. Naquele momento, Campos Cervera já havia adotado seu pseudônimo Julián de la Herrería, com o qual seria conhecido como um dos mais importantes ceramistas da época.

Josefina já escrevia poesia e logo começaria a colaborar em jornais e revistas de Assunção. Ao mesmo tempo, orientada pelo seu marido, iniciava-se na prática da cerâmica e da gravura em madeira. Durante toda a sua vida, alternaria a prática artística com a criação literária e em todos esses campos de produção simbólica alcançaria importante êxito.

As artes plásticas ocupam um lugar de particular importância em sua produção: em distintas épocas de sua vida praticou a gravura, a cerâmica e o desenho, além de acompanhar o desenvolvimento artístico do Paraguai com uma aguda visão crítica. Das três técnicas artísticas mencionadas, a gravura se encontra, pelas datas, em primeiro lugar; imediatamente depois, a cerâmica; e de maneira bem mais colateral, expressou-se mediante o desenho. Nas suas últimas obras, utilizou a técnica serigráfica.

Quando ela chegou ao Paraguai, começou a trabalhar como redatora no jornal El Orden, e ali apareceram suas primeiras gravuras em linóleo. Esses trabalhos, realizados no transcurso de quatro anos, estavam destinados a ilustrar textos literários, próprios e alheios. Nunca foi feita uma tiragem para o mercado artístico dessas gravuras e as poucas cópias que se conservam são testes de artista. As matrizes originais se perderam.

Na história da arte paraguaia, Josefina Plá é a primeira mulher que trabalha com esta técnica artística. E, o que eu considero mais importante: na sua produção desses primeiros anos ela é, ao lado de Julián de la Herrería, a primeira artista que assume as linguagens artísticas modernas. Julián de la Herrería assume essas linguagens modernas com uma pequena gravura titulada "El Portalet", datada em Villajoyosa em 1923, e sua esposa com algumas xilogravuras e linogravuras, realizadas e publicadas na imprensa entre 1926 e 1929. É notável que Josefina Plá, recém-iniciada na prática artística, e sem estudos nem experiências prévias, haja produzido, já nesses primeiros anos, trabalhos desta qualidade artística, e para a sua época, tão avançados em sua linguagem.

Na década de '20, uma nova geração de poetas e escritores surgiu na literatura paraguaia. Seus jovens integrantes tinham uma atitude fervorosa ante a criação literária e se sentiam irmanados na arte e na vida. Vinculados ao Modernismo hispano-americano[3], ad-

[3] Preferiu-se traduzir "Modernismo" por "Modernismo hispano-americano" para evitar a confusão com o termo homônimo da literatura brasi-

miravam o autor de *Cantos de vida y esperanza*, Rubén Darío, e alguns nunca conseguiriam superar sua influencia.

Mas já não eram os tempos do Parnasianismo, do Simbolismo e do Decadentismo. Novas inquietudes existenciais, condições históricas e sociais diferentes, contribuíam para a definição do perfil da jovem literatura. Com a perspectiva dos anos transcorridos, fica claro que com ela se constituiu uma nova sensibilidade, inclusive uma nova poética, a do pós-modernismo. Nesses anos aparecem várias revistas, a principal delas era a quinzenal (e depois mensal) Juventud, cujo último número se edita em dezembro de 1926. Três meses antes, publicava-se em suas páginas um artigo de César Vallejo sobre o vanguardismo na Espanha. Os nomes mais destacados da poesia jovem da época eram os de Heriberto Fernández, Raúl Battilana de Gásperi, Pedro Herrero Céspedes — destinados os três a morrer no esplendor da juventude —, José Concepción Ortiz e Vicente Lamas. E com eles, Hérib Campos Cervera e Josefina Plá.

Na história da poesia paraguaia, estes dois poetas (Josefina e Hérib) irão ser, anos depois, os iniciadores de uma nova etapa: a moderna ou contemporânea. Mas até então, seus poemas ainda registram um gosto imperante sob a influência dos modernistas. Apesar disso, no grupo de Juventud já se adverte uma nova tessitura e frequentemente os jovens poetas utilizam recursos expressivos que vão além da tônica geral e das formas dominantes no Modernismo hispano-americano. Hoje, eles são comparados a outros poetas hispano-americanos pós-modernistas.

Nesses anos, inicia a presença pública de Josefina Plá na poesia castelhana, e em particular na paraguaia. Ainda que em suas origens talvez se pudessem verificar outras influências — como a de Baudelaire, por exemplo, e algum outro simbolista —, é dentro das coordenadas estéticas dos anos ’20 onde se desenvolve a primeira fase de sua criação poética até chegar a um ponto de tensão anímica e de expressividade excepcionais.

Sua única publicação nessa etapa foi *El precio de los sueños*[4], um volume de um pouco mais de cem páginas que se imprimiu em 1934. Os últimos poemas deste livro, escritos por volta de 1932-34, parecem condensar os elementos significativos desta fase de sua poesia e ao mesmo tempo apontam a outros horizontes estéticos. Em alguns deles, notam-se já claramente os dois componentes que definirão sua poesia posterior: a intensidade da sua força expressiva e o esplendor estético de suas construções poemáticas.

Nesse mesmo ano de 1934, Josefina viaja para a Espanha com seu marido. Dois anos depois, inicia-se ali a insurreição militar-fascista contra o governo republicano. Julián de la Herrería morre entre as penúrias da guerra, e a poetisa decide voltar ao Paraguai em 1938. De regresso, coincide com Hérib Campos Cervera, reincorporado à vida cultural do país depois de vários anos de exilio, que também realiza um influente trabalho de estímulo para a criação poética.

leira, que se refere ao Vanguardismo, enquanto o Modernismo hispano-americano, mencionado pelo autor, refere-se, em linhas gerais, ao Parnasianismo e ao Simbolismo no Brasil (nota da tradutora).

[4] PLÁ GUERRA-GALVANY, María Josefina. *El precio de los sueños*. Asunción: El Liberal, 1934.

É interessante ressaltar, neste ponto, que nesta primeira fase da sua vida e da sua atividade cultural no Paraguai, o sistema expressivo de Josefina Plá mantém fortemente os códigos originários, ainda que uma sensibilidade feminina forte e livre comece a emergir em um contexto literário afim que na Hispano-américa já contava com figuras como Gabriela Mistral, Juana de Ibarbourou e Alfonsina Storni.

No terreno literário, especialmente no campo poético, ela ainda se mantém dentro das linhas tradicionais, sem se aproximar muito das novas estéticas de ruptura que se davam na Espanha e na Hispano-américa. No que diz respeito à plástica, no entanto, ela está acompanhando de perto a experiência de Julián de la Herrería, que tinha voltado o seu olhar ao passado pré-hispânico, coincidindo neste ponto com outros artistas do continente, que tentavam afirmar uma identidade própria frente aos códigos culturais ocidentais, que tinham sido impostos em um processo de dominação de vários séculos, soterrando as expressões nativas. Se em um primeiro momento esta experiência resulta arcaizante, depois dará lugar a expressões de modernidade como as do mexicano Tamayo e do equatoriano Guayasamín, para citar somente duas figuras bastante conhecidas.

Depois desse primeiro período de vida no Paraguai, Josefina Plá abandonou quase completamente a prática da gravura, dedicando-se principalmente à cerâmica, à crítica e à criação literária. É somente nos últimos anos de sua vida, com a estreita colaboração de Osvaldo Salerno, que ela voltou a produzir estampas com a técnica serigráfica, baseadas em desenhos a pluma com motivos *payaguá*, ou do entorno, que foram elaborados originalmente sem intenção artística autônoma.

A poesia de Josefina Plá e a de Hérib Campos Cervera congregam os jovens poetas e escritores da geração de ’40, particularmente os integrantes do grupo *Vy’a raity*, que advertem na obra de seus mestres o advento de uma nova dimensão significativa e formal.

A intensidade e o rigor da poesia de Josefina Plá não são casuais. Possuidora de uma vasta cultura, ainda que o fazer poético não constituirá para ela uma atividade que exclui outras expressões artísticas e literárias, a poesia estará sempre no centro das suas preocupações, e, em seu âmbito privilegiado, define sua radicalidade existencial e estética.

Desta época, são alguns de seus textos poéticos mais entranháveis, muitos dos quais ficaram dispersos ou esquecidos e só muito depois seriam incorporados a seu acervo bibliográfico.

Durante as décadas de ’40 e ’50 Josefina Plá não publicou nenhum livro poético novo, mas continuou produzindo poesia de alta qualidade, que dava a conhecer através de jornais e revistas de Assunção. Em 1960 aparecem alguns desses textos reunidos na plaqueta *La raíz y la aurora*[5]. A partir de então, vai publicando, primeiro em pequenos cadernos, e logo em volumes de maior porte, seus poemas de diversas épocas. Finalmente, em 1996, são editadas suas *Poesías completas*[6].

[5] PLÁ, Josefina. *La raíz y la aurora*. Asunción: Diálogo - Cuadernos de la Piririta, 1960.

[6] PLÁ, Josefina. *Poesías completas*. Prólogo de Augusto Roa Bastos. Edição, estudo preliminar e bibliografia de Miguel Ángel Fernández. Asunción: El Lector, 1996.

O contato de Josefina Plá com uma nova realidade e com expressões culturais estranhas a seus códigos originários, no aspecto lingüístico, e, em geral, em outros aspectos da cultura, deu lugar a configurações artísticas que registram um processo intercultural intenso, mais visíveis na plástica e na narrativa, como veremos mais adiante.

A NARRATIVA DE JOSEFINA PLÁ

Ainda que Josefina Plá tivesse publicado contos de maneira esporádica desde sua chegada ao país, é somente na década de '50 que adquire mais continuidade o seu trabalho neste campo. Em efeito, é na revista Alcor onde se publicam vários relatos, que logo serão reunidos em *La mano en la tierra*[7]. Desde então, publica três livros mais, o último deles em 1989.

A inserção de Josefina Plá na narrativa paraguaia se produz quando começa a se constituir o núcleo de um corpus narrativo moderno no gênero. Até o momento já estavam publicados *El guajhú* e *El pozo*, de Gabriel Casaccia, *El trueno entre las hojas* e *El baldío*, de Augusto Roa Bastos, os outros autores capitais que a antecedem. Nestes dois narradores, já se definem as duas principais linhas do romance e do conto paraguaios: o **realismo crítico** — às vezes com matizes psicologistas —, em Gabriel Casaccia, e um certo **realismo mágico** — utilizo a expressão com reservas — em Roa Bastos — autor que, além do mais, tem também em sua obra uma notável dimensão crítica. Ambas as vertentes se encontram também nos textos de Josefina Plá, que, certamente, não constituem fatos reiterativos em relação a essas experiências, mas configurações que enfocam outros aspectos da realidade, entrevista a partir de uma particular situação, isto é, de um ponto de vista e um sistema expressivo diferente[8].

Considero importante, para a compreensão e a apreciação dos contos de Josefina Plá, determinar, na medida do possível, a situação particular a partir da qual se configuram seus textos, esferas onde plasmará seu próprio universo de significações.

Quando Josefina Plá chega ao Paraguai, traz consigo uma sólida cultura literária e uma experiência vital definida pelo seu entorno primário, a de sua pátria de origem, a Espanha. No país do seu marido, encontra-se com uma situação diferente em muitos aspectos, e ali, naquele meio, é onde inicia sua tarefa de criação literária e artística. É pertinente ressaltar que este trabalho se dará no ponto de encontro de dois sistemas: a cultura hispânica peninsular e a cultura hispano-mestiça paraguaia, sem entrar agora nas distinções dos matizes desse processo (tenha-se em conta que esse ingente trabalho se inicia com as suas primeiras colaborações na revista Juventud, em 1926, e chega até, praticamente, o final da década de '80).

Pode-se presumir, por tanto, que nesta encruzilhada cultural se produz uma situação semiótica nova e que os produtos literários correspondentes hão de levar a sua marca. De fato, minha hipótese é que sua criação literária reflete — sobretudo em algum texto como

[7] PLÁ, Josefina. *La mano en la tierra*. Asunción: Alcor, 1963.

[8] PLÁ, Josefina. *Cuentos completos.* Edição, introdução e bibliografia de Miguel Ángel Fernández. Assunção: El Lector, 1996.

"La mano enlatierra", que apresenta o conflito de culturas entre o pai espanhol e o entorno indígena mestiço, que só se resolve simbolicamente, quando a mão do conquistador toca, no momento de expirar, a terra na qual nasceram seus filhos — o que podíamos chamar de situação de contato.

A perspectiva de sua criação é, portanto, diferente da de um escritor que escreve no lugar originário, e distinta, por sua vez, da de escritores cuja perspectiva é a do exílio. Como quer que seja, o produto desta situação de encruzilhada, de particular constituição semiótica, é uma esplêndida obra, de alto valor estético e testemunhal.

O "realismo crítico" de Josefina Plá, não é, portanto, de raiz ideológica, mas de caráter estrutural. Dito de outra maneira, origina-se na perspectiva, na distancia que separa a autora do universo semântico do entorno, do qual a pesar de tudo, forma parte e ao qual vem somar, integrar, seu próprio universo através de suas produções literárias. Em grande parte da obra de Josefina Plá — incluída sua obra plástica — se adverte essa vontade de assumir a realidade, mas sem perder nada da dimensão crítica própria de sua condição.

Outro é o caso de certo número de contos "oníricos", como chama a autora. Esses textos aparecem menos comprometidos com a realidade objetiva; pelo contrário, é o autor-sujeito quem impõe sua figura no espaço textual. E, neste espaço, aparecem as possibilidades significativas de suas visões oníricas. A coincidência com certa prosa surrealista não é acidental: nesses anos está expandindo, ainda, o surrealismo e alguns de seus melhores frutos são desta época.

O tratamento de seus diversos textos narrativos é, naturalmente, variável de acordo com seu âmbito temático e sua expressividade, mas em todos eles se adverte sempre a rigorosa coerência de sua composição. Os níveis de linguagem (o do narrador, o das personagens, geralmente populares) se dão em um contraponto discreto, que configura com naturalidade os universos linguísticos (fonético, sintático, semântico) dos contos, em sua maioria de ambiente popular paraguaio e geralmente de conteúdo crítico-social.

Deste modo, a estrutura externa dos textos suporta com eficiência a sua estrutura semântica, traço de competência que caracteriza toda criação autêntica no aspecto expressivo.

UMA ATIVIDADE CULTURAL PLENA

Não é fácil abarcar o conjunto da atividade cultural e a produção intelectual e artística de Josefina Plá. Podem-se ressaltar, no entanto, algumas das linhas principais que orientaram o seu vasto trabalho. Sua obra de ceramista teve como principal objetivo a recuperação de elementos formais da arte americana pré-hispânica e popular, seguindo os rastros sinalizados por Julián de la Herrería, mas com acento próprio desde seus inícios. No campo literário, sua poesia se constitui como um ato de expressão radical no qual se reúnem a autenticidade existencial e a plasmação estética. Também na narrativa e no teatro, expressou os problemas

de suas circunstâncias com acentos críticos, e, às vezes, os configurou mediante uma linguagem simbólica de alta tensão espiritual. Por sua vez, seu trabalho de pesquisa enfocava com grande rigor historiográfico os fatos sociais e a produção cultural. Teve tempo, além do mais, de fazer crítica literária e de arte com agudeza e precisão conceitual. Recordemos que foi fundadora e presidiu durante vários anos a seção paraguaia da Associação Internacional de Críticos de Arte.

Josefina Plá, nascida no farol da ilha de Lobos, Canárias, no dia 9 de novembro de 1903, morreu em Assunção no dia 11 de janeiro de 1999. Nunca quis renunciar a sua nacionalidade espanhola, mas sua obra inteira é testemunho de seu afinco no Paraguai e em seu universo imaginário se opõem, conjugam, e fundem os signos culturais de Espanha e América com o esplendor das grandes criações.

ANEXOS:



Laterza Parodi, Ritmo Guarini. Prêmio Arno Bienal de São Paulo 1957



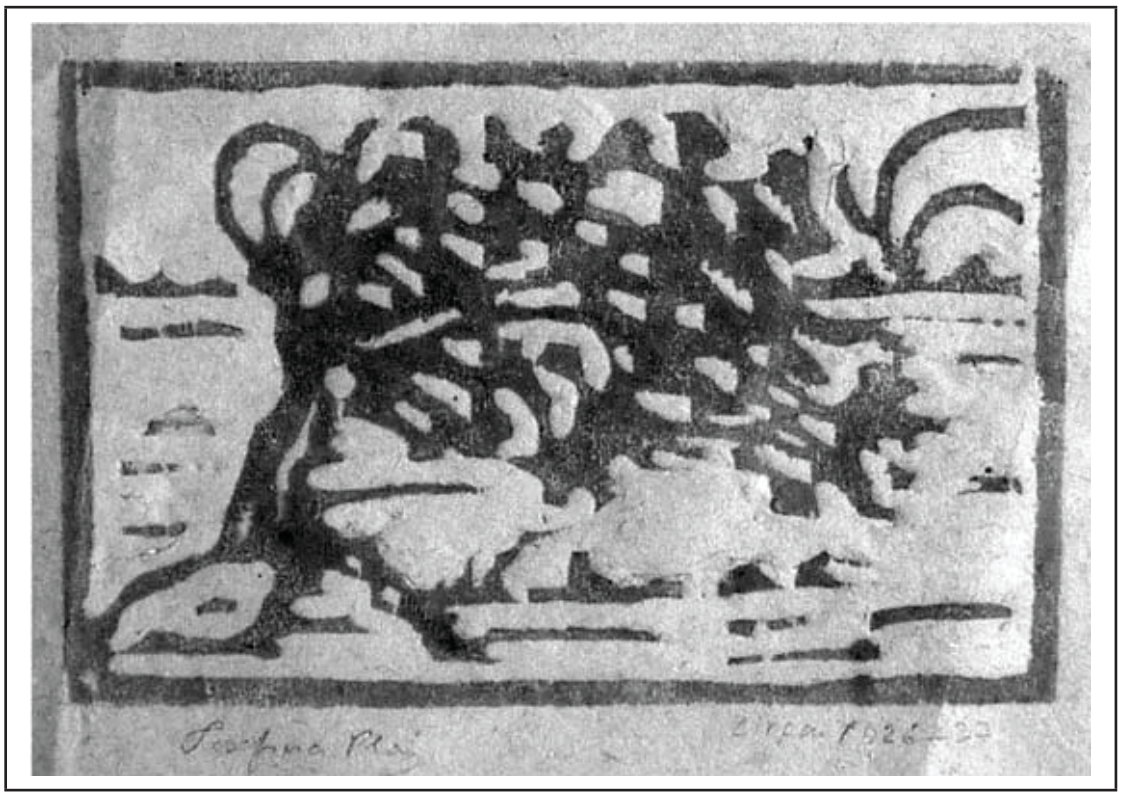
Cerámica a la cuerda seca con reflejos metálicos



Serigrafía – Josefina Plá



Escultura cerámica – Josefina Plá 1960



Árbol – Josefina Plá



Josefina Plá - 1970